

AMOR E REVOLUÇÃO EM OLGA, DE FERNANDO MORAIS, E O PLANALTO E A ESTEPE, DE PEPETELA

LOVE AND REVOLUTION IN OLGA, BY FERNANDO MORAIS, AND PEPETELA'S PLANALT AND STEP

Rafael Teixeira de Souza¹, Edvaldo Aparecido Bergamo²

¹ Universidade de Brasília (UnB). Mestre e Doutorando em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafaeldesouza@hotmail.com.

² Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Letras pela UNESP. Professor da UnB. E-mail: edvaldobergamo@unb.br.

Resumo: *Olga*, biografia publicada por Fernando Morais em 1985, destaca-se por narrar a vida da militante comunista alemã Olga Benário Prestes, desde a infância até a morte. Lá pelo meio da narrativa, porém, dá-se o encontro da personagem central com o homem que veio a ser o seu segundo e último companheiro: o revolucionário brasileiro Luís Carlos Prestes. Já *O planalto e a estepe* (2009), romance do escritor angolano Pepetela, retrata uma história que em muitos aspectos se assemelha à biografia do autor brasileiro, uma vez que relata o encontro e o firmamento de laços amorosos entre um casal de revolucionários de nações diferentes, respectivamente o estudante angolano Júlio e a jovem mongol Sarangerel. Para além dessas similaridades entre os enredos dos livros, buscaremos apontar pormenores que os aproximem quanto aos subgêneros a que cada um pertence, ao contexto histórico das quatro nações neles retratadas e ao significado que subjaz no fato de ambos os casais terem-se encontrado, pela primeira vez, na União Soviética das décadas de 1930 e 1960.

Palavras-chave: Brasil. Angola. União Soviética. Biografia. Romance.

ABSTRACT: *Olga*, biography published by Fernando Morais in 1985, stands out for narrating the life of the German communist militant Olga Benário Prestes, from childhood to death. By the middle of the narrative, however, the central character meets the man who became his second and last companion: the Brazilian revolutionary Luís Carlos Prestes. The plateau and steppe (2009), a novel

by the Angolan writer Pepetela, portrays a story that in many ways resembles the biography of the Brazilian author, as it relates the meeting and the firming of loving bonds between a couple of revolutionaries of nations. different, respectively the Angolan student Julius and the young Mongol Sarangerel. Beyond these similarities between the plots of the books, we will try to point out details that bring them closer to the subgenres to which they belong, to the historical context of the four nations portrayed in them, and to the meaning that underlies the fact that both couples have found each other. first time in the Soviet Union of the 1930s and 1960s.

Keywords: Brazil. Angola. Soviet Union. Biography. Romance.

Considerações iniciais

Os estudos comparados entre literaturas de língua portuguesa, especialmente entre Brasil e África, primam pela indicação de relações que ultrapassam os limites existentes entre gêneros literários. Como observa Tânia Macedo (2008), a influência da literatura brasileira nas nações africanas de língua portuguesa é uma constante desde as suas primeiras manifestações. Está presente, por exemplo, em muitos dos versos africanos escritos ainda no período colonial e, entre outros, na prosa contemporânea de Mia Couto e Ondjaki.

N o século XIX, porém, essa influência apresentava um caráter de acréscimo ao discurso denunciador\ reivindicador expresso nos versos africanos, em que se sobressaiam, também, aspectos dos dialetos e costumes nativos. Com o tempo, os textos de África foram-se desprendendo desta influência brasileira, não a ponto de abandoná-la por completo, mas de buscar uma harmonia

para sua própria expressão. De sorte que, nas literaturas africanas de língua portuguesa, o que vemos hoje são identidades literárias mais consolidadas, manifestadas sobretudo por meio de romances que buscam revisitar a história apresentando ao leitor novas perspectivas.

Um dos principais autores angolanos que escreve romances nos quais o passado é reexplorado chama-se Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela. Este seu apelido, que segundo o próprio autor foi-lhe dado na época em que era membro do MPLA, significa “pestanda” em quimbundo, dialeto do seu país de origem³.

Em 2009, Pepetela publica *O planalto e a estepe*, fazendo figurar, sob um novo ponto de vista, a história de Angola e de outros países entre as décadas de 1960 e 1990. Apesar de o autor expor, nesta obra, temas que já lhe são caros, em *O planalto e a estepe* o que vemos é uma história de amor singular, cujo maior obstáculo para sua concretização são as políticas de países situados em continentes diferentes. Essa narrativa, aliás,

³ Entrevista dada pelo autor ao programa *Entrevista Livre*, a qual se encontra disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nXWHIY-Sx24>.

sob várias óticas se assemelha à biografia de Olga Benário Prestes, militante comunista cuja vida foi contada pelo escritor brasileiro Fernando Morais.

Esse autor, que começou sua carreira de jornalista aos 15 anos de idade, escreveu algumas das obras mais importantes do biografismo nacional. Antes de escrevê-las, entretanto, Morais trabalhou como office-boy. Depois, ao mudar-se do estado de Minas para São Paulo, trabalhou na redação da *Veja* e do *Estado de São Paulo*, entre outros órgãos de imprensa, após o que passou a dedicar-se quase exclusivamente à escrita de seus livros.

O caso de *Olga*, biografia publicada pela primeira vez em 1985, é peculiar, pois não se trata do primeiro relato escrito a respeito desta personagem. O primeiro texto biográfico que narra a vida de Olga Benário Prestes surgiu em 1961 — isto é, 24 anos antes do livro de Morais — e foi escrito por Ruth Werner, ativista comunista alemã que viveu na União Soviética. Segundo o próprio Fernando Morais (2019), a versão de *Olga Benário: a história de uma mulher corajosa* serviu-lhe de referência para escrever uma nova biografia, desta vez mais detalhada, sobre a mesma figura. Isto porque Olga foi esposa de Luís Carlos Prestes, um dos revolucionários brasileiros mais conhecidos da história. De modo que, em parte, tal conhecimento se deve aos desdobramentos de seu caso amoroso com uma mulher estrangeira na época da ascensão do Estado Novo brasileiro e do nazismo alemão.

Como já assinalado há pouco, a história de Prestes e Olga, no sentido de ter como personagens centrais um homem e uma mulher de continentes diferentes, muito faz lembrar o

caso amoroso vivido em *O planalto e a estepe*, romance de Pepetela cujas personagens principais são um angolano de nome Júlio e uma mongol chamada Sarangerel.

Logo no princípio, a primeira similaridade que salta à vista entre as narrativas é a presença da discriminação e do racismo. No caso de *Olga*, para além dos vários momentos em que são narradas prisões e mortes de judeus, esse racismo é exibido nos trechos em que são descritas as primeiras ações persecutórias do nazismo na década de 1920, quando Olga era apenas uma adolescente. Nesse tempo, por ocasião de seu ingresso neste grupo, “a Juventude Comunista havia sido proibida pela polícia e entrara na clandestinidade. Seus militantes [...] se reunia[m] uma vez por semana numa velha serraria nos subúrbios da capital da Baviera” (MORAIS, 2019, p. 14). Semelhante radicalismo era manifestado, a propósito, por muitos dos alemães que, pertencentes a classes economicamente superiores, posicionavam-se a favor do regime em ascensão, o qual, em tese, restauraria a Alemanha dos caos instaurando desde o fim da Primeira Guerra Mundial.

No caso d’*O planalto e a estepe*, o racismo encontra-se retratado, sobretudo, na infância de Júlio Pereira. Este personagem, caracterizado física e ideologicamente como “um branco quase louro [que] era angolano e queria lutar pela independência” (PEPETELA, 2009, p. 33), tem uma irmã — a qual, por coincidência, também se chama Olga⁴ — que era confessadamente racista. Um dos trechos em que mais objetivamente esse racismo se expõe é o seguinte:

No entanto a Olga, sempre

⁴ Há, em *O planalto e a estepe*, outra personagem com o mesmo nome da militante alemã retratada na biografia de Fernando Morais. Trata-se de uma guia russa que Júlio Pereira conhece em sua viagem a Moscou.

atenta aos meus passos, um dia me chamou a atenção para as diferenças:

– Devias brincar com os teus colegas de escola e não com esses.

– Porquê?

– Porque eles são pretos e nós brancos.

– E então?

– Os pais não acham bem.

Os meus pais nunca tinham dito nada, nem mesmo com os olhos. Mandaram a Olga dizer? Ou foi só uma boca dela? A Olga tinha a mania de irmã mais velha [...] (PEPETELA, 2009, p. 12).

Já na próxima página, vem a confissão:

Olga era racista, desde pequena dizia, não gosto nada de negros. Devia ter ouvido os colonos vezes sem conta com afirmações desse género e aprendeu a frase. Acho, começou a repetir como um papagaio antes de a perceber. Eu só mais tarde percebi. Não gostei. Mal sabia eu! O racismo havia de me perseguir a vida inteira, como vos explicarei (PEPETELA, 2009, p. 13).

Ora, em *Olga* o racismo também é praticado por um ente da família Benário — a saber, Eugénie, a mãe da personagem central, que “era uma elegante dama da alta sociedade que via com horror a perspectiva de a filha tornar-se comunista” (MORAIS, 2019, p. 14). Sua aderência ao nazismo é mencionada mais abertamente numa altura próxima à morte de Olga, quando

um soldado da Gestapo a classificou como “uma boa alemã” (p. 121), o que causou espanto à mãe de Luís Carlos Prestes. Mais adiante, ao recusar-se a oferecer ajuda para conseguir a guarda da neta Anita Leocádia, Eugénie volta a enfatizar sua adesão ao nazismo, ao negar que a comunista que então se encontrava presa fosse sua filha.

O racismo, nesse caso, apresenta-se por meio da adesão de Eugénie ao nazismo, haja vista que, segundo Arendt (2013), essa ideologia considerava os judeus uma raça inferior em comparação aos arianos “puros”. Embora estivesse ciente da prática desse antissemitismo, a mãe de Olga Benário preferiu ligar-se à causa nazista sem saber que por essa mesma causa ela própria, como alemã de ascendência judia, seria assassinada um ano após sua filha. Já no que toca à irmã de Júlio, seu racismo origina-se por influência do convívio com os colonos, como citado anteriormente — o que, no entanto, veio a mudar posteriormente quando, já adulta, ela resolve aderir à luta contra o colonialismo que tanto oprimia a si e a seus compatriotas.

Outro detalhe em comum entre as obras de Fernando Morais e Pepetela refere-se ao encontro dos casais que são os personagens centrais de cada trama. Ambos, pois, viajam de seus países em épocas significativas, quando muitas revoluções ao redor do mundo já tinham acontecido, aconteciam ou estavam prestes a acontecer. No caso de *Olga*, ao deslocar-se de Berlim para a União Soviética com Otto Braun, seu objetivo principal era aperfeiçoar-se a si própria a fim de combater o nazismo de forma mais organizada e efetiva. Nesse sentido, anseios parecidos moveram Luís Carlos Prestes ao mesmo lugar, dado que seu país já se encontrasse sob o jugo de um regime fascista. Observada sob

esse ponto de vista, a União Soviética consistia numa espécie de reduto onde revolucionários de todas as partes do mundo se encontravam para aprender, planejar e, enfim, pôr em prática a revolução que naquele país logrou êxito (FIGES, 2017).

Em contrapartida, em *O planalto e a estepe* o caráter revolucionário só se revela verdadeiramente no personagem central quando ele, após percorrer alguns países (inclusive Portugal), resolve permanecer na União Soviética. E, frente aos impedimentos que logo se impuseram contra a união dele e de sua companheira, muito se cogitou que um casamento formal trataria de romper as barreiras ético-culturais que existiam entre Angola e Mongólia, o que cedo se verificou não ser tão fácil como parecia.

A política mongol, especialmente sendo Sarangerel filha do “ministro da Defesa, um dos cinco homens mais importantes de seu país” (PEPETELA, 2009, p. 52), surgiu como um empecilho ainda maior, uma vez que repercutiria de forma no mínimo ofensiva o fato de a filha de um homem público mongol unir-se com um estrangeiro. Tal situação agravou-se ainda mais após a gravidez de Sarangerel, nos primeiros meses da qual diversas possibilidades foram cogitadas no intuito de que a união entre ela e Júlio fosse mantida — o que, com efeito, não chegou a ser alcançado. Já em *Olga*, a união entre ela e Luís Carlos Prestes também resultou em fracasso. Pois, tendo malogrado a Intentona Comunista, os dois acabaram presos e, ainda por cima, separados em definitivo. A gravidez de Olga, embora ela alimentasse a esperança de um dia ambos voltarem a se ver, em nada contribuiu para que a pena capital fosse destituída nem para que outra vez ela se encontrasse com Luís Carlos Prestes. É

óbvio: tratam-se de situações distintas, porque apesar de Júlio e Sarangerel — bem como Olga e Prestes — pertencerem a nações de continentes diferentes, o fato de estarem na União Soviética e de seus países compartilharem de ideais revolucionários semelhantes não conduziria suas histórias a um desfecho tão radical.

Entretanto, o que torna a aproximar as narrativas é o distanciamento dos casais. Enquanto, em 1936, Luís Carlos Prestes e Olga Benário encontravam-se encarcerados no Brasil em prisões diferentes, no fim da década de 1960 Júlio distanciava-se de Sarangerel para se dedicar ao seu aperfeiçoamento como revolucionário do MPLA no sul da Rússia e em Argel. No primeiro caso, o regime getulista então em vigor impediu que Prestes e Olga voltassem a se ver, ao passo que Júlio e Sarangerel, no curso dos anos de separação, pouco tinham notícias um do outro. Já na Alemanha, Olga voltou suas atenções à conservação de sua vida e ao nascimento vindouro de sua filha. Ao mesmo tempo, Prestes lhe enviava cartas, a maioria das quais nunca chegavam a ela.

Por falar em cartas, elas constituem outro tema em comum entre as obras aqui debatidas. Com relação a Júlio, ele muito queria enviar uma a Sarangerel no período em que ela havia regressado à sua terra natal. Mas uma espécie de redoma havia sido posta ao redor da moça, de modo que, como fica evidente no fragmento a seguir, nenhum contato entre ambos deveria ocorrer:

Ainda lhe perguntei se podia me dar o endereço de Sarangerel ou arranjar maneira de lhe fazer chegar uma carta. Ela negou, nem pensar. Não sai mais de casa até arranjar

noivo. E nenhum papel entrará para ela sem ser lido pelo pai.

– Mas eu quero escrever ao pai dela – quase gritei. – Se não me deixam ir lá falar com ele, quero escrever.

Nara olhou para mim como se fosse louco furioso. Nos olhos da futura médica transparecia algum receio. De eu cair num fosso e a arrastar na queda?

– Faça o que ela diz, esqueça. É melhor.

Como se eu fosse capaz de deixar a minha filha na casa de um monstro. Apesar de general-ministro de “um país amigo” (PEPETELA, 2009, p. 96-97).

A pessoa a quem Júlio se dirige é, pois, Nara, amiga de infância de Sarangerel. Mas o que vem a suceder pouco depois sugere que essas cartas, de fato, nunca foram entregues a ela; tanto que

Uma vez que não me tinham deixado ir falar com o pai dela, escrevi-lhe uma carta. Em russo, no melhor que possuía [...]. Mandei a carta para o ministro da Defesa Nacional da República Democrática e Popular da Mongólia, eram todas democráticas e populares no nome. Talvez chegasse ao destino. Como não houve resposta, escrevi outra. Voltava a protestar, embora em termos delicados e formais, por me terem afastado compulsivamente

da minha filha e da mãe, reafirmava querer casar com Sarangerel e por isso pedia ao general para me arranjar autorização de viagem até Ulan Bator e a realização da cerimónia. Não houve resposta também. Nunca haveria, estava cansado de saber (PEPETELA, 2009, p. 100).

Num momento mais avançado do texto, estando Júlio frente à frente com Sarangerel após quase 30 anos, ele confessa:

Escrevi mesmo duas cartas a suplicar para casar contigo, a reclamar direitos sobre a minha filha. Nada. Nunca houve resposta, Ulan Bator continuava muda como sempre. Decidiram pôr um manto sobre ti, não consegui descobrir onde estavas, o que fazias, se ainda existias, nada. Só me mostraram a nossa filha, nem sei porquê (PEPETELA, 2009, p. 155).

Essa situação, aliás, contrasta com o destino de Olga, na mesma medida em que se aproxima sob a perspectiva das cartas que nunca chegariam aos destinatários. Como Júlio, Olga alimentava a esperança de algum dia reencontrar Prestes, formando finalmente uma família completa junto dele e de Anita Leocádia. As primeiras cartas foram escritas ainda no Brasil, pouco depois de ser presa, quando ela

[...] quis saber se podia escrever a Prestes para comunicar-lhe que seria pai ainda naquele ano. O policial não fez muito caso e disse

apenas que ela escrevesse que ele ia ver se era possível fazer chegar a carta às mãos do chefe comunista. Seguindo a orientação do guarda, ela escreveu não uma, mas dezenas de cartas ao marido, sempre em francês e sempre encerradas com um carinhoso *la tienne* — a tua. Cartas que ele nunca receberia (MORAIS, 2019, p. 95).

Tempos mais tarde, já na Alemanha nazista, o sumiço das cartas volta a acontecer. Algumas delas até são trocadas entre Olga e a mãe de Prestes, as quais informam, da parte desta, que todas as atitudes judiciais possíveis estavam sendo tomadas para se conseguir a guarda de Anita Leocádia, então recém-nascida, e que Prestes seguia na prisão. Já da parte de Olga, as cartas esclarecem suas condições de saúde e da sua filha. Nesse meio-tempo, antigas cartas de Olga chegaram a Prestes, deixando-o confuso quanto à atual situação dela. Paralelamente às reviravoltas da vida de Olga em direção ao seu desfecho, vemos-la sempre dirigir-se simultaneamente com afeto e coragem através das palavras, mesmo quando a morte já se aproximava de si, como nos fragmentos da seguinte carta, que foi a sua última:

Carlos, querido, amado meu [...] Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. [...] De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo,

pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. [...] Beijo-os pela última vez. Olga (MORAIS, 2019, pp. 149-150).

Ainda que os desfechos das biografias de Olga Benário e Júlio Pereira não apresentem muitas convergências, ambas se assemelham em um último elemento particular: o da representação de narrativas sobre personagens que participaram ativamente da escrita da história, a despeito de a historiografia oficial lhes imputar papel secundário. Olga, é verdade, não mais voltou a ver quem amava. Já Júlio, por sua vez, tendo morrido em decorrência de um câncer na coluna vertebral, foi-se feliz, como expõe o epílogo do romance, no começo do que ele diz o seguinte:

Tive uma infância feliz, livre. Vivi. Tive uma juventude de luta por nobres ideias, persegui sonhos, vivi uma revolução empolgante. Tive um grande amor e desfrutei dele até mo impedirem. Quando a pretensa revolução desmoronou, assistindo eu a toda a espécie de oportunismos, de ambições escondidas, de traições, a esperança louca nesse amor me deu força de desejar sobreviver, diferentemente de alguns homens bons que preferiram deixar-se morrer

ou mesmo cometer o suicídio. E vivi os últimos quatro anos com Sarangerel, o amor da minha vida. Não me posso queixar. Outros, morrendo aos noventa anos, viveram muito menos, sem o saberem (PEPETELA, 2009, p. 187).

Considerações finais

Entre a realidade e a ficção, *Olga*, de Fernando Moraes, e *O planalto e a estepe*, de Pepetela, atravessam países de quatro continentes

com vistas a relevarem a verdade histórica de tempos difíceis. São tempos em que a passividade em face da opressão praticada era a única atitude reprovável e que a busca da superação de barreiras sempre se fazia presente. E, como consequência disso, os encontros amorosos se davam, fazendo com que laços fossem construídos e nunca fossem esquecidos. Se bem que é esta, mesma, uma das funções da literatura: eternizar pessoas, atitudes e momentos por meio de palavras, para que, convertidas em vozes, essas palavras nunca deixem de ecoar ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MACÊDO, Tânia Celestino de. **A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa**. VIA ATLÂNTICA, Nº 13, JUN/2008,

p. 123-152.

MORAIS, Fernando. **Olga**. [ebook] Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/-n801e#n801e>>. Acesso 14 jul. 2019.

PEPETELA. **O planalto e a estepe**. São Paulo: Leya, 2009.